

SANTOS, Thamires Carla Lopes dos*
<https://orcid.org/0009-0000-0530-2866>

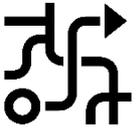
RESUMO: O presente artigo apresenta o resultado de pesquisa de iniciação científica que buscou compreender as memórias de guerra do expedicionário Petrônio Rebuá Alves Corrêa, a partir das fontes do acervo documental doado ao Núcleo de Documentação Histórica Honório de Souza Carneiro, do curso de História da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas. A principal fonte investigada foi o Manuscrito “Heróis de Barro”, com o intuito de desvelar a subjetividade das memórias do personagem Rebuá e a história social da participação de expedicionários brasileiros na Segunda Guerra Mundial, conflito ocorrido entre os anos de 1939 e 1945. O Manuscrito de Rebuá apresenta uma narrativa antagônica às histórias de “heróis”, relatando uma história feita por homens simples, com desejo de sobrevivência. Ademais, revela outro lado dos acontecimentos – o não dito – como os abusos sexuais cometidos por soldados brasileiros contra mulheres e crianças.

PALAVRAS-CHAVE: Memórias, Expedicionário, Abusos sexuais.

ABSTRACT: This article presents the result of a scientific initiation research that sought to understand the war memories of the expeditionary Petrônio Rebuá Alves Corrêa, based on the sources of the documentary collection donated to the Center of Historical Documentation Honório de Souza Carneiro, of the History course at the Federal University of Mato Grosso do Sul, Três Lagoas Campus. The main source investigated was the Manuscript “Heróis de Barro”, with the aim of revealing the subjectivity of the memories of the character Rebuá and the social history of the participation of Brazilian expeditionaries in the Second World War, a conflict that occurred between the years 1939 and 1945. Rebuá's manuscript presents an antagonistic narrative to the "heroes" stories, reporting a story made by simple men, with a desire for survival. In addition, it reveals another side of events - the untold - such as the sexual abuse committed by Brazilian soldiers against women and children.

KEYWORDS: Memories, Expeditionary, Sexual abuse.

* Graduada em Letras/Literatura pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul- Campus de Três Lagoas-MS (UFMS). O presente artigo apresenta o resultado de pesquisa de iniciação científica orientado pelo Profº Drº Vitor Wagner Neto de Oliveira e financiado pelo CNPQ. E-mail: thamirescarlalopes@gmail.com



INTRODUÇÃO

O acervo documental do Petrônio Rebuá Alves Correa foi doado ao Núcleo de Documentação Histórica da UFMS, Campus de Três Lagoas em outubro de 2016.¹ Logo as fontes passaram a ser objetos de estudos, visto que a documentação é composta por vestígios imagéticos e textuais de suas memórias, repletas de traumas de guerra, causados pelo impacto causado pelo conflito, tanto entre expedicionários quanto entre civis na Itália, especialmente mulheres, adolescentes e crianças que sofreram violências físicas, moral e sexual.

Para tanto, analisou-se o manuscrito intitulado “Heróis de Barro” a partir do estudo em bibliografia especializada como LIMA e CARVALHO (2009); MALATIAN (2009); POLLACK (1980); HALBAWACHS (1990), que discutem os conceitos de “memória”.

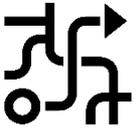
Logo, busca-se neste artigo desvelar na subjetividade das memórias do personagem Rebuá a história social da participação de expedicionários brasileiros na Segunda Guerra Mundial, refletindo acerca de suas motivações na elaboração da escrita, e compreender a visão particular de Rebuá sobre a guerra, contribuindo deste modo para a descrição do acervo do autor no Núcleo de Documentação Histórica da UFMS/CPTL e para futuras pesquisas sobre a temática.

REBUÁ PERSONAGEM DE MEMÓRIAS

Petrônio Rebuá Alves Corrêa nasceu em 15 de agosto de 1915, na cidade de Miranda, no Mato Grosso (atual Mato Grosso do Sul). No ano de 1936, formou-se em Cabo-Reserva pelo Exército Brasileiro na cidade de Campo Grande-MT e, em seguida, trabalhou na Polícia Federal, na Capital do Rio de Janeiro, onde residia quando foi convocado para a Segunda Guerra Mundial, no ano de 1944. Já no *front* ficou conhecido como Cabo Rebuá 721, I/1º, R. O. Au. R (Regimento de Obuses Auto Rebocados).

Com o fim da Guerra, Rebuá voltou a morar em sua cidade natal, Miranda-MT, onde trabalhou na cerâmica de um tio e casou-se pela primeira vez com Livia Passini, com quem teve uma filha. No Mato Grosso trabalhou, ainda, em várias

¹ www.ndh.ufms.br



instituições públicas, a pedido de políticos locais, e foi também nesse mesmo período que começou a escrever os primeiros registros de suas memórias.

No ano de 1954, o ex-combatente já vivia na cidade de Poconé-MT, onde se casou, pela segunda vez, com Maria Augusta Leite e tiveram um casal de filhos. Foi eleito vereador (mais votado da cidade), por volta de 1966, pela UDN (União Democrática Nacional), sigla partidária de apoio à Ditadura Militar. Apesar de sempre ter ocupado cargos em instituições públicas, esse foi o único cargo eletivo que exerceu.

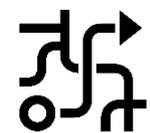
A partir de então, Rebuá viveu em diversas cidades do Mato Grosso, e no ano de 1967 mudou-se para Três Lagoas-MT, na qual finalizou o ensino médio (madureza) e formou-se no curso de História, na atual Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três lagoas, permanecendo nesta cidade até a sua morte, em 18 de julho de 2002.

Embora não tivesse concluído o ensino médio, na época em que fora convocado para a Guerra, com 29 anos, é evidente que as experiências de vida do ex-combatente e o seu conhecimento intelectual, advindo do hábito de leitura, colocou-o em uma posição diferente dos demais recrutados, já que a maioria dos jovens, com idade entre 19 e 28 anos, vivia na zona rural, era analfabeta ou possuía pouca formação intelectual (MENDES, 1994).

Logo, Rebuá foi um sujeito “essencialmente ideológico e histórico, pois está inserido em um determinado lugar e tempo” (GUERRA, 2008), ou seja, o seu conhecimento intelectual e sua experiência de vida o tornam distinto e histórico. Para mais, o seu discurso é perpassado por dizeres de outros sujeitos como, por exemplo, ao mencionar no seu manuscrito o filósofo Nietzsche. Por outras palavras, o expedicionário relata suas memórias de guerra mediante uma rica produção literária.

A trajetória de vida de Rebuá e a forma de escrita das memórias de guerra o diferencia de outros ex-combatentes que também publicaram relatos de guerra. Rebuá se coloca como integrante dos acontecimentos, e estes, por sua vez, são narrados posteriormente à Guerra. Ou seja, não houve uma anotação cronológica dos fatos ou uma espécie de diário, durante o conflito, ainda que houvesse a intenção defazê-lo, como se percebe neste fragmento do manuscrito, retirado do capítulo XXII²:

² Este artigo é resultado da análise do manuscrito “Heróis de barro”, por isso optou-se pela indicação apenas do capítulo onde se encontra o trecho citado. Note-se, todavia, que o



[Zé Conselheiro] – Sabe? Estou me lembrando daquela conversa da guerra de 18... [...] Dos veteranos que conheciam as vergonhas da guerra... (Hip!) ... da guerra que os generais teimam em fabricar e não deixam os livros publicarem as verdades.... [...] Eu tenho bem aqui, onde estou mostrando, um livro preparado para ser publicado quando nós voltarmos... (Hip!) ... Já escrevi, de memória, diversos capítulos... [...] Este livro, os generais não vão proibir... (E balançava o dedinho magriça) ... Ah! Isso é que não....

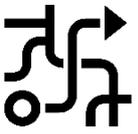
– É isso mesmo, Dom Conselheiro nós precisamos escrever alguma coisa sobre essa porcaria de guerra... [...] Precisamos derrubar, de uma vez por todas, essa xaropada de falsos heróis que rolam por aí... (REBUÁ, Manuscrito, Capítulo XXII).

Neste sentido, trata-se de um discurso de *memórias*. A memória, segundo Ferraz e Locastre (2008, p. 87) “está diretamente relacionada às relações individuais e sociais desses veteranos com a sociedade e dessa sociedade com os significados mais gerais do conflito”, pois, toda narrativa não é inteiramente “pura”, o que significa que os conteúdos relatados acontecem segundo as intenções de seus reprodutores, ou seja, esse discurso de *memórias* é uma narrativa repleta de suas impressões pessoais, de seus traumas e medos.

Além disso, podemos considerar, de acordo com Ricouer (2007, p.01), que a memória é seletiva, “é uma reapropriação do passado histórico por uma memória instruída pela história, e ferida muitas vezes por ela”. Por outras palavras, “nem tudo fica gravado, nem tudo fica registrado [...] é um fenômeno construído” (POLLAK, 1992, p. 203). Diante disso, a memória de Rebuá é uma “memória reconstruída, evocada e em interação com a memória coletiva” (HALBWACHS, 1990), até porque ele rememorava suas anotações, reescrevendo constantemente, acrescentando informações que considerava importantes ou necessárias.

Embora não tivesse feito anotações cronológicas dos fatos, durante a guerra, talvez em virtude da censura que os expedicionários sofriam no *front* – o escrito foi feito à *posteriori* –, Rebuá demonstrou preocupação em registrar suas experiências, conforme o trecho citado acima, como forma de denunciar, preservar e oferecer fontes de informações. Suas memórias são carregadas de análise crítica, tanto em relação ao governo brasileiro, em relação a sua participação na Guerra, quanto na forma em que os oficiais atuavam e o despreparo dos mesmos.

manuscrito foi editado e publicado em outubro de 2022 pela equipe do NDH (OLIVEIRA, BELON, 2022). O livro “Heróis de barro – nos bastidores do front. Memórias de Petrônio Rebuá Alves Corrêa” na versão digital pode ser baixado, gratuitamente, em <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/5170>



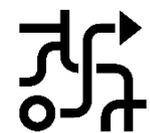
As lembranças impactantes narradas por Rebuá – a fome, a miséria, as mutilações, o cheiro do *front*, a neurose, a constante espera, o sexo reprimido dos jovens, além do abuso sofrido por idosos, mulheres e crianças, ponto crucial da narrativa – destoam da maioria das publicações referentes à Segunda Guerra Mundial, que priorizam a vitória de Monte Castelo, as críticas “a partir de suas experiências para melhorar a ação do Exército” (BOTEGA, 2012, p. 74), como o diário de “Massaki Ujihara publicado em 2004, que relata a situação dos soldados, as dificuldades da guerra, as atitudes dos oficiais, a espera por cartas, dentre outros aspectos”(BOTEGA, 2012, p. 74).

O manuscrito apresenta uma singularidade na forma e no conteúdo, por conta da linguagem textual, literária, do uso das metáforas, analogias, das repetições de expressões e frases estilísticas, evidenciando o nível de conhecimento intelectual e literário do expedicionário Rebuá em relação aos demais pracinhas, como já fora mencionado anteriormente, e, também, por denunciar os abusos sofridos pelas mulheres, crianças e idosos.

REBUÁ RECRUTADO PARA A “GUERRA DOS GRINGOS”

É importante ressaltar o contexto deste embate, encetado pela invasão da Alemanha nas regiões da Polônia, Noruega e França, que acabou intimidando os interesses dos Estados Unidos nas Américas e no Extremo Oriente (FERRAZ, 2005). Esse embate entre os países aliados (Estados Unidos, França, Inglaterra e União Soviética) e os países do eixo (Alemanha, Itália e Japão) marcou a humanidade com milhões de mortes de homens, mulheres, crianças, civis e militares, e também pelo uso de armas químicas e nucleares que devastaram cidades como Hiroshima e Nagasaki no Japão.

Uma das circunstâncias que levou a Alemanha a principiar a guerra em 1º de setembro de 1939 foi a derrota na Grande Guerra de 1914-1918 e a subjugação do país a compromissos impostos pelos vencedores, como a redução de suas forças armadas e a perda de território. Após a Primeira Guerra, emergiu na Alemanha a organização de extrema-direita Partido Nacional-Socialista Alemão dos Trabalhadores, tendo como líder Adolf Hitler, que levantou as bandeiras de retomada de “suas terras perdidas”, da nacionalidade germânica, a exaltação dos “puro-sangue”, a perseguição aos judeus e comunistas, acusados de traírem a Alemanha



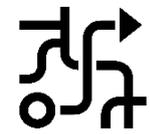
na Grande Guerra de 1914-1918. Segundo Ferraz: “[...] as tensões provocadas, se deu por conta da competição entre os interesses estratégicos e econômicos das principais potências capitalistas e, não menos importante, à luta entre os defensores do comunismo e os que queriam a sua contenção [...]” (2005, p. 2).

Nas décadas de 1920 e 1930, a Alemanha reestruturou sua força militar, a situação financeira e logo o governo nazista foi conquistando admiração em vários países, inclusive no Brasil, em razão do “combate ao bolchevismo, no controle do conflito social e dos êxitos da diplomacia agressiva alemã que iam desestruturando as defesas inimigas” (FERRAZ, 2005, p.2). Com isso, a guerra foi chegando ao Brasil.

Neste período, o Brasil encontrava-se sob a ditadura de Getúlio Vargas, que em princípio mantinha-se neutro em relação à guerra, embora tivesse uma certa empatia pelos países do eixo. Porém, devido à necessidade de produtos estratégicos para manter o conflito entre as grandes potências, os países periféricos tornaram-se importantes para o fornecimento de produtos. O Brasil, com localização privilegiada para uso de bases aéreas e navais, também desfrutava de grandes recursos agrícolas, extrativos e minerais, por isso os esforços dos aliados, especialmente os Estados Unidos, em incorporar o país nos esforços de guerra.

Em virtude disso, Vargas pretendia aproveitar-se da posição brasileira para firmar acordos comerciais, como “a construção da siderúrgica, fornecimento de armas e equipamentos bélicos para as forças Armadas”. Portanto, havia um “choque de interesses”, pois de um lado os alemães “ameaçavam a circulação de bens materiais estratégicos latino-americanos para os Estados Unidos” e demonstravam apoio ao projeto da construção siderúrgica; por outro lado, os estadunidenses, “desconfiados do filo fascismo de algumas lideranças militares brasileiras, protelavam o envio de armas e elaboravam projetos de ocupação militar do Norte e do Nordeste do país e adiavam a questão da siderúrgica” (FERRAZ, 2005, p. 5).

Como agravante, Getúlio Vargas discursava que o futuro “pertenceria aos Estados fortes, livres do liberalismo estéril”. Os Estados Unidos, preocupados com tal posição, resolveram “pagar o preço” pelo apoio definitivo do Brasil. Segundo Ferraz: “[...] Para uma nação que já enviava centenas de milhões de dólares em material bélico e produtos de consumo para seus aliados na Europa, o acordo valia a pena, pelas vantagens estratégicas que lhe adviriam [...]” (2005, p. 6).



Consequentemente, em setembro de 1940, o Brasil assinou o acordo para a construção da siderúrgica, que seria instalada em Volta Redonda, no estado do Rio de Janeiro, recebendo 20 milhões de dólares para o início da obra. Diante desse contexto, o país estreitou suas relações com os aliados e no ano de 1942, efetivamente, após navios brasileiros serem torpedeados por submarinos alemães, o Brasil cortou as relações diplomáticas com o Eixo e declarou apoio aos Estados Unidos (SALUN, 2012).

A partir dessa declaração, o Brasil constituiu a Força Expedicionária Brasileira (FEB), em agosto de 1943, convocando milhares de jovens trabalhadores, com pouca escolarização, dentre eles o cabo mato-grossense que morava no Rio de Janeiro, Petrônio Rebuá Alves Corrêa.

No ano de 1942, quando o “mundo enlouquecia”, Rebuá vivia na “cidade maravilhosa”, Rio de Janeiro. Sempre pegava o Bonde na Rua do Catete, e assim como o Bonde corria, os anos também se apressavam.³

A existência da guerra já era algo aterrador, causando inquietações e dúvidas nas pessoas, “entrar ou não entrar na guerra?”. Rebuá mantinha-se nessa situação de sobressalto quando, no ano de 1944, em uma “tarde abafada”, soube, através do seu irmão, que estava na lista dos convocados. O *Jornal da Tarde* trazia dizeres “bonitos”, em letras grandes e legíveis, como forma de incentivar os jovens a se apresentarem ao “grito de convocação”.

Na época, jornais traziam as notícias sobre a guerra e a lista de convocados, como *O Jornal*⁴ do Rio de Janeiro, com publicações no período da manhã, tarde e noite, e também o *Diário de notícias*⁵, fundado em 12 de junho de 1930.

A convocação do Rebuá foi publicada numa sexta-feira, 2 de junho de 1944. Ambos os jornais traziam o primeiro nome dos soldados e na sequência o nome do pai: “Mais soldados convocados... Petrônio, filho de João Batista Alves Corrêa”. Assim, o *Jornal* apresenta a convocação do ex-combatente no ano de 1944, edição 07391⁶, na seção “Ministério da Guerra”, página sete, e o “*Diário de Notícias*” no ano

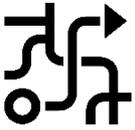
³ Os trechos entre aspas foram extraídos do manuscrito de Rebuá.

⁴ Tinha como diretor Carlos Rizzini e gerente Argemiro B. Bulcão.

⁵ Propriedade da S. A. Diário de Notícias; O. R. Dantas, Presidente; M. Gomes Moreira Tesoureiro; Aurélio Silva, secretário.

⁶ Disponível em:

https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_04&pesq=%22petronio%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=21746 Acessado no dia 14/07/2022.



de 1944, edição 6628, página oito, “CHAMADOS AO SERVIÇO DAS ARMAS”,
conforme a imagem abaixo:

Figura 1- Diário de Notícias



Fonte: Compilação do autor⁷

Após dias intensos, o jornal trouxe novas informações dizendo que: “Os reservistas convocados, e que estivessem em dia com o 1º Certificado Reservista, receberiam em sua residência um cartão individual de convocação”. E assim o cartão chegou para Rebuá e não havia mais o que fazer, estavam seladas “as aventuras de reservista-solteirão” (REBUÁ, Manuscrito, Capítulo II).

Muitos dos convocados apresentaram ofício de deserção do serviço militar, na tentativa de dispensa. Rebuá também apresentou ofício de isenção, porém o pedido foi indeferido pelo Ministro da Guerra. Quanto a isso, Ferraz (2005) afirma que houve beneficiados,

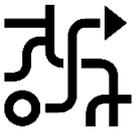
[...] principalmente os selecionados das classes média e alta. Estes conseguiam dispensa ou transferência para guarnições de defesa local. Mais chocante foi que

7

Disponível

em:

https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=093718_02&pasta=ano%20194&pesq=%22petronio%22&pagfis=18721. Acessado no dia 15/07/2022.



tais expedientes também eram usados por militares regulares, que escapavam de ir à guerra, embora fossem remunerados para essa finalidade (p. 24).

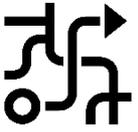
O reservista foi incorporado para servir no “Regimento Escola de Cavalaria Andrade Neves”, na vila militar do Rio de Janeiro, o que causou um certo estranhamento, já que ele era Cabo-reservista de Artilharia. Nesta incorporação, passou por um longo período “rotineiro e cansativo”, cuidando de estábulos e cavalaria: “era um ardume de farda-jegue, de jabá com chá-de-alfafa... um cheiro de murrinha de cavalo” (REBUÁ, manuscrito, capítulo I).

Os reservistas que faziam companhia ao Rebuá na mesma unidade eram conhecidos como “turma dos revoltados”, principalmente com os “sargentões”, chamados por eles de “cobras”, pois estes eram “autoritários, davam safanões, berravam com os recrutas”, e quando os soldados desobedeciam às ordens dos superiores, acabavam presos na cadeia do próprio Regimento. Um dos argumentos usados para livrarem-se das punições era agarrarem-se aos “direitos”, uma vez que a arma deles não era Cavalaria, mas sim Artilharia Mista.

Nessa confusão e desentendimento que se instaurou no Regimento, devido à falta de preparo dos soldados e comandantes no treinamento para “uma guerra de ricos” que “exigiria uma aptidão física e intelectual maiores do que aquelas necessárias na Primeira Guerra” (FERRAZ, 2005, p.31), Rebuá aguardava sua inclusão na “arma de origem”. E sempre surgia um “Boi-de-Botas” dando novas ordens ou orientações para a soldadesca, até que Rebuá foi transferido para o “Regimento de Artilharia Montada, Regimento Floriano”, na mesma Vila Militar.

O pracinha era “chutado de uma unidade para outra”, permanecendo aquele sentimento de incerteza, pois não sabia qual seria o seu destino na Segunda Guerra Mundial: “Para falar a verdade, eu era um deslocado, naquela efervescência dos preparos de embarque para a guerra na África. Eu era um robô, fantasiado de Verde-Oliva, o meu querido e imbatível Verde-Oliva de tantas tradições!” (REBUÁ, Manuscrito, Capítulo I).

Logo cada tropa foi recebendo o seu destino, e o ex-combatente acabou “sobrando”, visto que boa parte da tropa já havia embarcado para o sul, até que um tenente se propôs a ajudá-lo. Então o Cabo ficou encostado no contingente para aguardar uma unidade. Ali, Rebuá comandava seis “praceba”, numa escala a cada



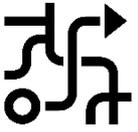
três dias, e durante suas folgas aproveitava a “cidade maravilhosa”, consumindo as noites “nas gafieiras do Catete”.

Desse modo, jovens eram recrutados e “preparados” para a Segunda Guerra Mundial. E, num dia, “transpirando primavera por todos os quadrantes”, surge um Coronel falando a verdade, explicando a verdadeira situação da “Força Expedicionária Brasileira”, arriscando cair nas “garras do tribunal de Segurança Nacional”, o tão famoso “Tribunal Getuliano da Inquisição”. O navio americano que levaria os pracinhas para a Europa não poderia partir com um número pequeno de “voluntários”.

O Coronel era incisivo em sua fala: o “Brasil espera que cada jovem escolha o seu dever”. Diante disso, Rebuá olha para o regimento, analisando todas as situações vividas ali e, não resta dúvida: “pior do que esta geringonça de convocado, a guerra não pode ser... Não é mesmo?” (REBUÁ, Manuscrito, Capítulo II). De súbito, ele dá um passo à frente, colocando-se à disposição da pátria.

Em seguida, os soldados foram encaminhados para o pavilhão da enfermaria, onde passariam por exames médicos: “nunca pensei que existisse tanta imoralidade na nudez humana [...]. Que imundície de formatura machista! Eu nunca pensei que o homem chegasse à tanta imoralidade...” (REBUÁ, Manuscrito, Capítulo II). Os exames eram realizados a fim de verificar a saúde dos pracinhas, “os olhos, ouvidos, nariz, garganta, rins, fígados, peito, respiração, dentes, vacinas”: “o pior de tudo isso, é que para servir de carne de canhão, o pracinha tem que ser um verdadeiro modelo de saúde e físico” (REBUÁ, manuscrito, capítulo II). Ferraz (2005, p.24) afirma que muitos jovens considerados aptos foram “dispensados”, enquanto outros, que não tinham condições físicas e nem mesmo psicológicas, acabaram recrutados e enviados ao *front*, o que provocou sérios problemas para o desempenho da FEB.

O Cabo havia “sobrado”, pois durante os exames no hospital do Exército, quando eram entrevistados, os oficiais questionavam, “aonde gostariam de servir como FEBIANOS?”, e no esforço de se “safar” dos “sargentões” autoritários, o ex-combatente tentou entrar no Grupo Escola de Artilharia, onde servia também um primo. Mas esse primo tinha conseguido um “pistolão” para fugir do embarque, e Rebuá não poderia contar mais com a ajuda do parente. Isso o deixou bastante irritado, pois tinha prometido aos companheiros que lá teriam “proteção do primo-oficial”.



Tanta promessa que eu fizera, tanta maravilha eu cantara, sobre as qualidades do primo, que a maioria dos cabos, uns oito, resolveram seguir-me para o Grupo Escola. E tudo se desmoronara... Até petelecos eu levava dos colegas, acompanhado de muita vaia, que me valeram muitos dias de acanhamento. (REBUÁ, Manuscrito, Capítulo II)

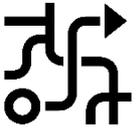
Rebuá decide dar a sua última “cartada”, negando todas as perguntas que o tenente fazia durante o preenchimento da ficha para o embarque, como vemos neste trecho:

- Sabe nadar, remar, andar de bicicleta, montar a cavalo, andar de moto? É motorista? Etc... etc... etc...
- Não... Não... não... (Eu respondia, sem cessar).
Tudo eu sabia. Mas, indignado com a fuga do outro, resolvi voltar para o “Caxias”, respondendo NÃO! ... NÃO! ...
- É datilógrafo?
- NÃO! ... (Sempre fui datilógrafo).
- Que curso tem? Até que ano estudou? Formado em que?
- Não tenho curso nenhum ... (Respondia, com aspereza, ao bom tenente que me fichava) – Estudei somente até o 2º primário... (Uma pequena pausa. Um rosar desenhado. E a carga do “não sei” continuava) – Não sou formado, em nada, tenente! (REBUÁ, Manuscrito, Capítulo II)

A consequência disso foi o embarque para o Grupo São Cristóvão, o qual era comandado por um “Simpático Coronel”. Porém, Rebuá e seus três companheiros acabaram escolhidos para a 1ª Artilharia do “Capita Pernóstico” e, a partir de então, eles passaram a ter contato com os “FEBIANOS”, recebendo as primeiras instruções para o embarque; as plaquetas de identificação; o “Saco” - Mala de Guerra (Havia o Saco “A”, que era a mala de *front*, e o Saco “B”, que era levado pelos praças da retaguarda). Rebuá ficou com o Saco “A” e recebeu o uniforme de “FEBIANO”. Não havia, contudo, mais farda do seu tamanho na “FEB”, criando assim, uma nova expectativa: “se não há uniforme, não há embarque”. O Capitão, todavia, solucionou o problema dando a ele um “macacão verde-oliva, com três estrelas bordadas no peito, em linha de seda branca”, uniforme normalmente usado pelas patentes mais altas. Rebuá retirou o bordado das três estrelas com um canivete, ficando apenas a “sombra de três estrelas no peito”, o que gerou um dos seus apelidos: “Cabo-Capitão”. Foi assim, “fantasiado de Cabo-Capitão”, que Rebuá embarcou para a guerra, “A guerra dos Gringos!”

O ENREDO DE “HERÓIS DE BARRO”

O manuscrito “Heróis de Barro” foi organizado em 24 capítulos, onde Rebuá escreve uma narrativa antagônica à história de “heróis”, relatando as memórias de



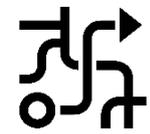
homens simples com grande desejo de sobreviver à guerra. Nesta seção abordaremos, de forma bem sucinta, o enredo de cada capítulo.

O capítulo I, “Boi de Botas na F.E.B”, refere-se ao momento da convocação, a insatisfação em fazer parte daquele conflito, como era aterradora a espera, trata ainda do comportamento dos oficiais em relação aos jovens e a falta de administração dos oficiais no momento do recrutamento dos pracinhas.

No segundo e terceiro capítulos, Rebuá narra as cansativas orientações, advertências, táticas e defesas necessárias para sobreviverem à guerra, batizados pelos pracinhas como a “Hora do Pato”. Era o momento em que formavam as filas para ouvir os coronéis dentro do Regimento. Rebuá relata o momento das avaliações médicas, descrevendo como os jovens eram humilhados durante o processo, para servirem de “carne de canhão”, na expressão de Rebuá, e quanto eram invasivos tais exames. Por último, relata o tão esperado embarque: “os pracinhas foram em filas indianas, formando assim, o desenho de uma grande sucuri, que os levava ao ‘monstro de aço cinzento’, que os aguardava, faminto e fumegante” (REBUÁ, Manuscrito, Capítulo III). Neste ponto, percebe-se o recurso das metáforas, bastante utilizado pelo autor para expressar sua insatisfação com a guerra.

Os capítulos IV, V e VI discorrem sobre um dos primeiros desafios da guerra: “como sobreviver em um navio, contendo mais de 12 mil homens?”. Ou então aos alarmes testes, no caso de uma invasão inimiga. “Era uma angústia sem fim!”. Não obstante, os pracinhas tinham que conviver, ainda, com a “confusão de idiomas, de fardas, de estrelas, de galões, de divisas, de medo, de terror” e o “cheiro de macho” (REBUÁ, Manuscrito, Capítulo IV). Nesses capítulos, o desejo e a repressão sexual dos jovens começam a prenunciar o que aconteceria durante o *front*.

No capítulo VII, nomeado “Desembarque”, é o momento em que se “vira a chave”, conforme o autor, momento de “mudança”. Isso porque foi a partir do desembarque no porto de Nápoles, Itália, que Rebuá compreendeu o que estava por vir, o que era a guerra e qual seria o enfrentamento que eles deveriam fazer daquele momento em diante. Há, neste sentindo, uma mudança de comportamento, pois não tinham como voltar, deveriam enfrentar a “brutalidade humana”. Rebuá fala das “brutalidades causadas pelos homens”, os denominados na história de “Heróis”. O espaço narrativo dá indícios do que estava acontecendo, de como os olhos eram



“desvendados” e a verdadeira face da guerra se mostrava, real e lascívia para Rebuá, quando do desembarque no porto de Nápoles, em outubro de 1944.

Aqui, mastros espetavam a superfície da água suja, como fantásticos braços desnudos, implorando misericórdia aos céus em guerra. Misericórdia dos homens que não tinham alma. Ali, ascos bojudos, lambuzados de ferrugem, exibiam as enormes crateras provocadas pelos combates travados na baía das cançonetas famosas. Lá, bicos de cascos semi-naufragados apontavam para um firmamento tristonho, chorando pelas brutalidades do homem-animal, apelidado na História de “Herói”. (REBUÁ, Manuscrito, Capítulo VII)

Por vezes, o discurso de Rebuá é discriminatório, ou então contém características machistas, como no capítulo VIII quando se refere ao Brasil como pátria “MADRASTA”, e no capítulo IX ao falar que “Conselheiro caminhava ao seu lado, resmungando que só uma SOGRA”. Expressão pejorativa, assim como em outros momentos, quando manifesta preconceito e racismo, principalmente em relação aos negros. Isso ocorre por conta da formação social de Rebuá, comum ao seu meio, uma sociedade patriarcal, preconceituosa e racista.

Em seguida, o expedicionário leva o leitor a uma profunda reflexão, quando fala da fome: O que um “povo faminto, toda uma civilização massacrada, todo um passado de uma raça desmantelada” é capaz de fazer diante da “FOME”? Aborda também os problemas da “destruição, desolação, ruínas e miséria” nas cidades bombardeadas, próximas aos Montes Apeninos, na Itália, e o impacto que isso tem nos “Heróis de Barro”. Essa expressão, presente no título do manuscrito e em menções durante a narrativa, está no sentido figurado, conotativo. Segundo Chiaramonte (2012, p. 20), “a linguagem conotativa não se refere diretamente à palavra no sentido exato, mas às sugestões provocadas por ela; figurado, metafórico”, uma vez que “a linguagem literária não está fechada em si”. “Ela passa a ter vida própria com novas significações”, ou seja, “as palavras, expressões e enunciados, dependendo da situação de uso da língua, adquire um novo significado, o contexto possibilita ao falante/leitor compreender a mudança no sentido literal” (ABAURRE, 2008 *apud* SANTOS, 2019, p. 63). Logo, o título “Heróis de Barro” expressa a fragilidade do homem, a imundície, a sujeira e a podridão humana, o ato de ser pó, como vemos em um dos trechos que Rebuá dá ênfase nestes aspectos:

- É assim, mesmo, seu cabo, que colocam, no pedestal dos grandes, o famoso Herói de Barro! ... que, nada mais é, do que o herói esculpido com cinzel de lágrimas, dor e morte... heróis talhados na massa pútrida das baixezas humanas...



e que os séculos eternizavam nos bronzes das praças públicas, celebrando com cânticos e bandas marciais! ... (REBUÁ, Manuscrito, Capítulo X)

Ademais, surgem as “ofertas estapafúrdias⁸ e indecorosas” aos jovens soldados, tanto que Rebuá se sente tentado pelas belas moças por conta da abstinência sexual, porém, seu lado piedoso fazia-o recuar diante das “brutalidades humanas”.

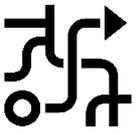
Já no capítulo XII, o autor narra as andanças ao redor do acampamento Gaggio Montano, em busca de uma “*bionda*”. O “incontrolável sexo que se estrangulava, enforcado na jaula da abstinência da guerra que tudo devora”, forçava-o a entrar para a “lista dos que saciavam as loucuras do sexo nas mãos sujas e nojentas dessas meninas dos pinheirais...”. É nesse instante da narrativa que Rebuá conhece a Bela Nita, que vivia com duas irmãs e seus avós, num “casarão avoengo, melancólico e silencioso”, e então, chega o “dia maldito”.

Depois desse episódio, ainda no capítulo XII, surgem duas crianças no acampamento, vestidas com “farrapos de roupas”, quase congeladas e “mortas de fome”. Rebuá e os demais soldados ficam estarecidos com a cena de crianças bonitas, porém com uma aparência horrível, resultado da fome. Então, os soldados decidem cuidar das crianças, “Vic” e “Gino”, que passam a ser o “presente grego que a guerra os mandara”, ficando as crianças sob a responsabilidade do Sargento Zadir e do Cabo Rebuá. Nesta passagem do manuscrito, são perceptíveis os desafios enfrentados pelos soldados para manterem as crianças em segurança, mostrando assim um lado “humano e sensível” dos combatentes que deixaram suas famílias no Brasil para lutar uma “guerra dos gringos”.

À medida que segue a narrativa, percebe-se o impacto dos acontecimentos na vida e saúde mental dos soldados. Em diversos trechos o autor se refere à “neurose de guerra” provocada pelo ambiente da guerra e pela distância da família, manifesta nos momentos em que os soldados falavam com suas granadas, brigavam entre si, cometiam erros e crimes. Mais uma vez, a prostituição, abusos, as famosas “tochas”⁹

⁸ Conforme Rebuá, neste capítulo, durante as caminhadas pela cidade de Pisa, as crianças vinham até os soldados fazendo gestos obscenos, com trejeitos maliciosos, e insistiam para que eles aceitassem suas ofertas; quando não, procuravam pelo sexo dos soldados embaixo das calças na tentativa de que eles aceitassem suas ofertas.

⁹ Nome dado pelos pracinhas ao ato de troca. Quando os soldados saíam em passeios nas cidades, eles preparavam seu bernal com chocolate, cigarro, manteiga, sabonete, pentes, giletes, latas de conservas etc., enfim, “tudo que servisse ao italiano, para o seu famigerado



são parte da narrativa, e Rebuá se coloca como integrante de toda essa tragédia. Por fim, Gino leva-o ao hospital das crianças, à procura do seu amigo Pim-Pim que fora atingido pela Guerra e ficara mutilado em uma cadeira de rodas. Este é um dos momentos mais impressionantes dos capítulos XVI e XVII, pois o Cabo se vê no “TRIBUNAL DO SILÊNCIO”: “um cheiro de sofrimento escorreu pela pele do cabo apavorado. Lambuzou as narinas dilatadas nas emoções. Passou pelo peito esquelético e foi descontar as pancadas do coração genocida”.

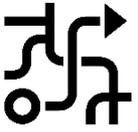
Os capítulos finais são cheios de reflexões, de monólogos interiores, de neurose, visto que estavam exaustos da Guerra, com saudade de casa, não recebiam regularmente notícias e nem cartas da família, muitas vezes por conta da censura. A falta de relacionamentos amorosos e do sexo deixava os soldados cada dia mais impacientes e irritados: “Tudo era silêncio. Tudo era gelado. Até nossa vida, nossa alma”.

No capítulo XIX, “A menina do leite”, Rebuá narra de forma melancólica, com recursos de linguagem, de maneira simbólica e figurativa, suavizando assim a brutalidade da guerra: o “lençol branco da neve” ia ocultando as “crateras, os filetes de sangue congelados e os corpos estraçalhados”. Também, amenizava os soluços da “menina da garrafa de leite”. É a retomada da consciência, que ele esculpe de forma poética, indagando, por vezes, “Quem é o criminoso?” “O homem que fora HOMEM?”.

Do mesmo modo, o capítulo XX, intitulado “No vale do pó”, simboliza toda a imundície dos militares, que frequentavam cabarés e farreavam em bares, como também refere-se ao heroísmo bárbaro, o abuso das forças que a guerra oferecia aos soldados: “Era uma exibição de poderio! De posse! De ‘homem macho!’”.

Em “Zorro, o segredo de Guerra”, capítulo XXI, é um momento em que o Cabo se defronta com as duas nacionalidades (brasileira/italiana). Ambas adotavam práticas semelhantes, como, por exemplo, os abusos sexuais, pois o personagem “Zorro” era um soldado italiano que apareceu em sonho ao Rebuá quando ele estava deitado no gramado observando o céu numa tarde quente e abafada. “Zorro” relata o que havia ocorrido com sua noiva durante a invasão de soldados inimigos. É um

mercado negro” (Capítulo, IX). Os alimentos e os objetos serviam como base de troca, para satisfazerem às necessidades e abstinência sexual desses soldados. Por conta da fome, frio e miséria, mulheres, crianças e idosos acabavam se submetendo a tal situação de troca de mantimentos por sexo.



momento em que se depara com a intersecção entre o real e o imaginário: os fatos mostrados por “Zorro”, embora o deixasse hipnotizado, causavam um certo sofrimento, que nem ele conseguia explicar.

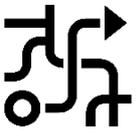
O cabo não ligava fatos com as pessoas irreais que ia se interpondo em seu caminho de sonhos do além-túmulo. Ele estava hipnotizado por Zorro. O *caporale* sofria, mas não podia sentir a profundidade de seu sofrimento. Tinha medo, mas não podia sentir que tinha medo. Estaria louco? ... ou seria isso tudo, a tal neurose? (REBUÁ, Manuscrito, Capítulo XXI)

Então, o expedicionário vai concluindo a sua narrativa, descrevendo seus dias de folga na cidade de Scandiano. Mais uma vez ele e sua “eterna sombra”, o Alter-ego Zé Conselheiro, conversam a respeito dos generais e da guerra. No capítulo XXII, “Yélis, a bela normalista”, o autor deixa explícito o desejo de escrever um livro sobre “essa porcaria de guerra”: “Já escrevi, de memória, diversos capítulos... [...] Este livro, os generais não vão proibir”. Além disso, expõe a “hidrofobia da guerra” e o “mercado negro”, a virgindade de meninas e mulheres: por uma “*giovanata*” virgem, “destruía-se tudo. Tudo!”. E foi ao lado de uma adolescente virgem, Yélis, a normalista, que nunca saía de casa, que Rebuá externou o desejo de constituir uma família, dado que “um homem precisa de amor, de carinho, de mulher”.

No capítulo XXIV, o autor retoma a narrativa dos pontos principais do seu manuscrito, quais sejam a crítica à hierarquia militar e à violência sexual contra as mulheres e crianças:

Foi na maldita Francolise que, em formatura geral, assistimos às condecorações desvirtuadas de nossa unidade. Nela, também, fomos enfrentar as maiores atrocidades cometidas por soldados aliados. Da formatura geral, em Francolise, ainda conservo bem viva a figura imponente de nosso Primeirão, sufocando os gritos de revolta, no seu possante peito jovem atlético, nos 22 anos de mocidade. Os anos passaram... mas os desgostos ficaram... amargurando, cada vez mais, os abandonados pracinhas de nossa pátria. E os anos jamais conseguirão secar, das faces do velho Primeirão, as lágrimas que deslizaram pelas suas faces, revoltadas, com o crime que se praticava em Francolise, em nome da Pátria distante! (REBUÁ, Manuscrito, Capítulo XXIV)

Chega-se, assim, ao clímax do último capítulo, “Francolise, a maldição humana”, onde reaparece o horror: a cena de uma menina corrompida e estuprada coletivamente. Uma cena indescritível, dado o tamanho da barbárie. Encerra-se a narrativa de uma forma insuperável!



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos afirmar, então, que o manuscrito “Heróis de Barro” é um texto narrativo que relata as memórias de Rebuá, pois, segundo Travaglia (2004), é através do elemento tipológico que identificamos uma classe de textos, com uma dada caracterização, por exemplo, o “conjunto de características comuns em termos de forma, estrutura, conteúdo, estilo, funções etc.” é o que nos permite caracterizar os textos tais como: descritivos, dissertativos, injuntivos, narrativos, argumentativos, fábulas, notícias, dentre outros (TRAVAGLIA, 2004, p. 147). Logo, o manuscrito contém características dessa tipologia textual como: narrador, personagens, tempo, espaço e enredo.

Entretanto, o expedicionário se utiliza desta tipologia textual para transitar nas duas extremidades, o de participar e o de observar os acontecimentos, sempre sob a sua visão, sob a sua consciência dos fatos, como vemos nestes fragmentos do manuscrito: “O cabo, num fremir de luxúria represada, tudo ouvia, nada podendo responder, absorto nos conselhos ataçados pelo tridente. Também o cabo, naquele momento, entrara, sem o saber, para o rol dos desqualificados sociais” (REBUÁ, Manuscrito, Capítulo X); “[...] em posição de sentido, fuzilando seu capitão nos olhos injetados, o cabo nada respondia. E amarrou a cara, para que seu capitão entendesse que ele não queria conversas ‘ao pé de fogo’” (REBUÁ, Manuscrito, Capítulo XVIII):

A besta-humana, fantasiada de guerreiro, rendeu-se à recordação do amor materno. Um turbilhão de lágrimas jorrou pelas faces do cabo, sacudindo seu corpo impotente, elevando a alma suja do praça, aos píncaros do amor que redime e enobrece. Foi pela vez primeira que o cabo pensou em sua mãe! E chorou... e soluçou... agarrado nos escombros da parede que balançava no equilíbrio das ruínas que apresentavam uma geometria maluca e bárbara.

Era o homem que voltava à terra.

Era o monstro que retornava ao homem.

Era o filho que lembrava sua mãe. (REBUÁ, Manuscrito, Capítulo X)

Esse recurso gramatical cria um efeito de sentido nos leitores, porquanto essa mudança na sua narrativa causa um questionamento no leitor: até que ponto Rebuá estaria envolvido nessa barbárie, como nos casos de abusos sexuais?

Ademais, sua narrativa apresenta uma singularidade na forma textual, por conta da sua linguagem, como por exemplo o uso de metáforas “- Não mete a sua colher de pau no mingau em que você não foi convidado” (REBUÁ, manuscrito, capítulo IV); de analogias “O vento é homem e a lua é mulher”; de repetições de



expressões, tais como: “Guerra dos Gringos”, “Guerra dos ricos”, “Quá seu Pascuá”, “Heróis de Barro”, “Tudo era silêncio! Tudo era miséria!”, “Cheiro de macho, o pior dos cheiros”, “coisas de americano” dentre outras que perpassam toda a sua narrativa.

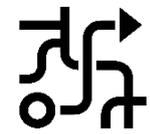
Utiliza-se, ainda, de frases estilísticas, como rimas “- Nossa! Que boça, que coça, que joça, que roça, que troça...” (REBUÁ, manuscrito, capítulo IV); “Choravam, gemiam, rezavam, tremiam...” (REBUÁ, manuscrito, capítulo XII). Também faz uso do diminutivo, por exemplo, quando os soldados recebem uma barraca para acampar nas cercanias de Pisa, nos Prados de Caça da família real italiana. Rebuá fala que a barraca era para dois homens:

[...] era uma **coisinha** de lona verde oliva, que só cabia um pedaço do praça [...] um arremedo de barraca só cabe o pensamento do **pracinha** [...] – Essa **coisinha**, até parece de escoteiro-mirim. Eita, Caxias besta! [...] Depois de pronta, a **barraquinha era uma gracinha, pequenininha, verdinha, estreitinha...**[...] Foi uma **gracinha** de comodidade. **Nossos pezinhos (41 e 44)**, ficaram pra fora. Procuramos encolher as pernas, para protege-los. A coisa piorou. Nossos joelhos se chocaram, na casa de João-de-barro. (REBUÁ, manuscrito, capítulo VIII, grifo nosso)

Nesse fragmento, percebemos tom de ironia dada a situação, pois mal cabia um soldado na barraca, e tinha que dividi-la com mais companheiros, o que era um terror para o expedicionário: o “cheiro de macho” que era insuportável. Outro aspecto estilístico é em relação às formações das palavras, no uso dos mesmos fonemas para criar palavras com significados bem diferentes, como os fonemas /m/, /a/, /l/, /ã/ que podem formar tanto a palavra “mala”, quanto “lama, alma”:

[...] Repare como são formados em nossa língua [as palavras] ALMA e LAMA! ... (Fez uma pausa, como se aguardasse minhas conclusões e prossegui) ... das mesmas letras! Veja CORPO e PORCO, como são, também, das mesmas letras... (E cuspinhou um borrifo de saliva amarela de nicotina). Até já tenho cheiro de lama com essas comparações... –É isso mesmo, seu moço! O homem é lama e volta à lama... (REBUÁ, manuscrito, capítulo XIII).

Além disso, utiliza sinônimos, relacionando-os com o significado de um determinado termo no seu enunciado “- Isso mesmo, Platão dos pantanais! Paezzae, para eles, é o mesmo que vila, aldeia, vilarejo, distrito, povoação, etc.; [...] (fez uma cara de cansaço e perguntou) ... Chega de sinônimos?” (REBUÁ, manuscrito, capítulo XIX), o que denota o seu nível de conhecimento intelectual e literário, principalmente quando recorre aos versos e poemas para expressar seus sentimentos, como vemos nesta parte do capítulo II, logo no início do manuscrito:



E o velho clarim continuou a tocar. Tocava, chorava, soluçava, como se quisesse gritar aos quatros cantos desses Brasis: “Zé-povinho vai partir”.

O clarim tocava,
O praça chorava,
Bugrada clamava!
- Quem ficava?
- Quem ficava?

Em vista disso, podemos concluir, concordando com Chiaramonte (2012, p. 21), que a narrativa de Rebuá “se torna uma arma capaz de quebrar toda censura”, uma vez que o escritor é responsável por criar uma linguagem literária tão rica e apta para resgatar o ser humano das situações mais funestas da sua vida. Para mais, sua narrativa se refere ao discurso de memórias, como exposto anteriormente, segundo os autores Ferraz e Locastre (2008), por ser tratar de uma narrativa repleta de suas impressões pessoais, de seus traumas e medos; uma memória seletiva, isto é, “uma reapropriação do passado histórico por uma memória instruída pela história, e ferida muitas vezes por ela” (RICOEUR, 2007, p. 01).

Assim, a análise do acervo documental, apoiado nos estudos da História e da Literatura, permitiu perceber que a narrativa do expedicionário Rebuá trata de “memórias”, por ser escrita à *posteriore*, que apresenta uma singularidade na forma textual, por conta da linguagem e, sobretudo uma narrativa que se opõe às narrativas de “heróis”, contando uma história escrita por indivíduos comuns com o intuito de garantir sua sobrevivência. Ademais, revela uma face oculta dos eventos, como os abusos sexuais cometidos por soldados brasileiros.

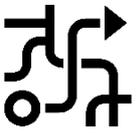
A narrativa dos abusos sexuais contra mulheres e crianças é central no manuscrito de Rebuá e pode expressar uma possível confissão de algo que acompanhou o autor por toda a vida, dada a violência cometida pelos soldados brasileiros durante a Segunda Guerra Mundial.

Em outras palavras, o registro de suas memórias é uma produção literária, que lhe é própria, instruída pela escrita, pelo hábito da leitura e pelas suas experiências vividas durante a guerra.

REFERÊNCIAS

FONTES

Diário de Notícias, ano 1944, edição 6628. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=093718_02&pasta=ano%20194&pesq=%22petronio%22&pagfis=18721 Acessado no dia 15/07/2022.



O *Jornal*, ano 1944, edição 07391. Disponível em:

https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=110523_04&pesq=%22petronio%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=21746 Acessado no dia 14/07/2022.

REBUÁ [Petrônio Rebuá Alves Corrêa]. *Heróis de barro*. S/d, (manuscrito). Acervo do Núcleo de Documentação Histórica Honório de Souza Carneiro, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas.

BIBLIOGRAFIAS

BOTEGA, Rafael Piquina. Análise das reflexões críticas nas publicações de veteranos e ex-combatentes sobre a FEB. In: OLIVEIRA, D. de. *A Força Expedicionária Brasileira e a Segunda Guerra Mundial – estudos e pesquisas*. Rio de Janeiro: DECEX, DPHCEX, CEPHiMEX, 2012, p.74-81.

CHIARAMONTE, Erick. Que é a Literatura, afinal? *Revista Educação – UNG - Ser 7.2* (2012): p. 18-24.

FERRAZ, Francisco César Alves. *Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Zahar, 2005.

FERRAZ, Francisco César Alves; LOCASTRE, Aline Vanessa. O ceticismo da memória: considerações sobre narrativas de dois veteranos da Força Expedicionária Brasileira. *Militares e Política*, n. 2, 2008.

GUERRA, Vânia Maria Lescano Sujeito, discurso e ideologia na Análise do Discurso. In: _____. *Práticas discursivas: crenças, estratégias e estilos*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008, p. 45-61.

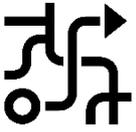
HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo; Vértice, 1990.

MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi, LUCA, Tania Regina de. *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009, v. 1, p. 195-222.

OLIVEIRA, Vitor Wagner Neto de; BELON, Antônio Rodrigues. *Heróis de barro (nos bastidores do front): memórias de Petrônio Rebuá Alves Corrêa*. Campo Grande: Editora da UFMS, 2022.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

SALUN, Alfredo Oscar. Notícias sobre o Brasil na Guerra e a criação da FEB. In: OLIVEIRA, D. de. *A Força Expedicionária Brasileira e a Segunda Guerra Mundial – estudos e pesquisas*. Rio de Janeiro: DECEX, DPHCEX, CEPHiMEX, 2012, p.17-24.



SANTOS, Valdelise Pereira dos. *Denotação e conotação como ferramentas para construção do significado do texto: um trabalho de leitura com alunos do 8º ano do ensino fundamental*. 2019, Dissertação (PROFLETRAS), Universidade Estadual do Piauí, Teresina-PI.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Tipologias textuais literárias e linguísticas. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, V. 7, Nº 14, p. 146-158. 1º Sem. 2004.

Recebido em 12/01/2023

Aprovado em 12/12/2023